RESENHA

VEYNE, Paul. *Sêneca e o estoicismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015, 279p.

Cesar Luiz Jerce da Costa Junior *
Mestrando em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 14/10/2016**
● **Aprovado em: 29/06/2017**

Em *Sêneca e o estoicismo*, Paul Veyne disserta sobre a contribuição e a originalidade do pensamento de Lúcio Aneu Sêneca, o eminente intelectual romano do primeiro século da Era Cristã (1 a 65 d.C.), para a formação de uma das mais importantes correntes filosóficas do período helenístico-romano, o estoicismo. A presente tradução, recém-lançada pela editora Três Estrelas (2015), chegou até nós na melhor ocasião. O texto original francês, *Séneque: Entretiens Lettres a Lucilius*, publicado em 1993 por Veyne, ainda não possuía versão para língua portuguesa. Eis o primeiríssimo mérito da atual tradução: sanar uma lacuna há muito existente entre os leitores e intérpretes de Sêneca nos países lusófonos. De fato, *Sêneca e o estoicismo* é, sem dúvida alguma, uma das obras de maior referência no assunto, bibliografia obrigatória para todos os trabalhos relativos ao pensamento de Sêneca.

O livro de Veyne é dividido em três partes. A primeira, o prólogo, descreve brevemente a trajetória de Sêneca, desde seu nascimento e origens provinciais hispânicas, até sua rápida ascensão aos círculos políticos de Roma, passando pelo exílio e, por fim, pela regência do jovem imperador Nero (36 a 68 d.C.). Após o prólogo, encontramos a parte *dura* do texto, a análise do estoicismo propriamente dito, assim como as contribuições de Sêneca na formação de seu corpo doutrinal. Esta é, de longe, a parte mais interessante e, ao mesmo tempo, densa em ideias da obra. Ao final, encontramos um breve epílogo, que acompanha os três últimos anos de vida do filósofo até a condenação ao suicídio (63 d.C a 65 d.C.).

Inicialmente, no prólogo, Veyne conduz o leitor pelo contexto sociopolítico no qual Sêneca se insere. O filósofo nasceu na cidade de Córdoba, na província da *Hispania Baetica*, no seio de uma tradicional família hispano-romana. Ainda muito jovem, foi levado para Roma por

* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos da UFPR (NEMED). Bolsista CAPES.

seu pai a fim de receber uma rigorosa educação na arte da retórica que só poderia ser encontrada na capital do Império. Contudo, para certa decepção de seu pai (Sêneca, o velho), que não apreciava os filósofos, Sêneca optou pela conversão à filosofia, inicialmente por meio de seu professor, Átalo, um estoico oriundo de Alexandria e que lhe deixou uma profunda marca, a transmissão de uma "chama ética", nas palavras de Veyne (p. 11), que indica o aprendizado de um modo de vida filosófico, característica fundamental das seitas filosóficas helenísticas. A formação de Sêneca se deu, assim, concomitantemente à sua entrada na vida pública romana, um pouco tardia, mas de rápida ascensão.

Logo, Sêneca entrou nos círculos mais íntimos do poder imperial, fazendo-se ouvido pelas irmãs do imperador Calígula (12 a 41 d.C.), em especial Agripina, que muitos anos mais tarde lhe confiaria a tutela de seu filho, o imperador Nero. Tal proximidade com o poder, porém, teve seu preço: Veyne narra as sucessivas desventuras de Sêneca sob Cláudio, ao ser condenado ao exílio na ilha de Córsega por adultério. Por fim, retorna à cena política romana com o jovem Nero, assumindo ao seu lado a governança efetiva do Império, como um dos *amici principis*. Quando Nero, porém, começa a se tornar despótico e os assassinatos na corte se multiplicam, Sêneca percebe que sua única alternativa é o retiramento. Porém, como fazê-lo sem se tornar suspeito diante do tirano? O filósofo está preso à eminência do cargo que ocupa, o que torna sua posição de extrema complexidade. Os últimos anos da vida do filósofo e as dificuldades que passou serão retomadas na última parte do livro, no epílogo. Seguiremos passo a passo, neste texto, a ordem de exposição estabelecida por Veyne.

A preocupação de Veyne não é, porém a de redigir apenas um relato biográfico, mas aprofundar habilidosamente seus estudos acerca da sociedade e do pensamento romano a partir da trajetória de Sêneca. Filósofo e tradição filosófica são caminhos para conhecermos o mundo romano em sua profunda complexidade. As relações de clientela, as vicissitudes do poder e até mesmo as práticas econômicas da aristocracia romana são brilhantemente exploradas por Veyne. Tudo por meio de uma linguagem prosaica (mas não simplista), que transita entre a seriedade exigida do ofício de historiador e a jocosidade irônica, o que confere à leitura um caráter fluido e prazeroso. Veyne sente-se, assim, aberto para falar ao leitor em um estilo de redação muito livre. Não seria equivocado dizer que na obra de Veyne, por meio da história de um filósofo, conhecemos igualmente a história de um império.

A parte mais interessante, contudo, tem início na página quarenta e seis, com a análise propriamente filosófica em relação à doutrina estoica. O texto de Veyne possui valor fundamental para aqueles que estudam os filósofos estoicos do Império Romano. De fato, abordaremos aqui apenas alguns aspectos, já que a obra tem muito mais a oferecer. Dentre os

assuntos extensivamente explorados por Veyne, destacamos, em especial, a concepção de natureza (*natura*) nos textos de Sêneca. Conceito de suma importância no conjunto da doutrina do filósofo, que a entende como uma potência divina providencial que tudo organiza na terra, ou seja, natureza é, essencialmente, um princípio ordenador entendido com deus, na mesma medida. Para o filósofo, a ordem do cosmo e suas regularidades, exemplificada pela precisa movimentação dos corpos celestes, demonstra haver na natureza uma intenção organizadora, que também se estende para o âmbito da vida humana, ao nos possibilitar o necessário para que alcancemos a felicidade. Veyne, assim, destaca a profunda distinção entre a concepção de Sêneca, que via na natureza uma potência provedora, portanto boa, da moderna, oriunda do pensamento moderno do século XIX e que tomava a natureza como *má* e *assassina*, devendo, pois, ser contida pela atividade racional dos seres humanos. Para Sêneca, até mesmo o que a natureza tinha de maléfica, como uma praga, por exemplo, trazia consigo algum benefício para nós. Se o cosmo é regido pela natureza providencial que beneficia toda a humanidade, logo todo estoico é um cosmopolita, um cidadão do mundo inteiro por excelência. Mais importante ainda, viver em concordância com os ditames da natureza é conduzir a si mesmo para uma vida feliz. Veyne, então, enuncia a maior originalidade do estoicismo, a associação entre uma filosofia da natureza com uma arte de viver.

Felicidade é outro aspecto de extrema importância para Sêneca e tema amplamente exaustivamente estudado por Veyne. Viver uma vida feliz não está para os antigos do mesmo modo como está para nós, contemporâneos, que a associamos a um simples e passageiro estado subjetivo de euforia. Para os gregos, felicidade era uma instância da vida não dissociada de seus aspectos sociais, não devendo ser medida antes do último dia de vida de um homem, pois o destino ainda lhe pode ser imprevisível e ele poderá sofrer com o inesperado. Veyne acrescenta, ainda, que tal concepção de felicidade é refletida, pois os demais, coletivamente, proclamam a felicidade daquele que viveu de forma a torná-lo exemplo de conduta moral, de virtuosidade. A busca por uma vida feliz, motivação inerente a qualquer ser humano, para os antigos, é para Sêneca também um ato refletido. Para alcançá-la, torna-se necessário seguir uma filosofia da felicidade, pois toma por pressuposto a necessidade de se alcançar uma segurança absoluta, não se deixando levar pelas marés das adversidades que tanto infligem sofrimento ao homem. Eis a proposta de Sêneca, no ponto de vista de Veyne: transfigurar a si mesmo, ao combater e corrigir os vícios (entendidos como maus hábitos) que, lentamente, nos desviam do caminho da natureza. A *razão* aqui é o elemento central, pois, dada a nós pela própria natureza, nos permite julgar (a razão como

uma espécie de tribunal é a metáfora usual de Veyne) o que nos é vantajoso e o que não é, devendo ela constituir uma *fortaleza*, que nos protegerá das piores adversidades.

Se felicidade é segurança, é transformação do próprio homem, então agir corretamente, dentro daquilo que a doutrina recomenda, é o elemento central da ética proposta pelos estoicos. A fortaleza da razão deve ser constituída com solidez, por meio da *virtus*, a virtude, outro aspecto de fundamental importância no pensamento senequiano. Viver virtuosamente é prerrogativa necessária para a felicidade, mas ela exige do indivíduo uma gigantesca autodisciplina, um constante exercício (uma *meditação*, a exemplo da obra do imperador Marco Aurélio), que exclui totalmente, por exemplo, os prazeres sensíveis, ou o uso moderado das paixões da alma (entendidas por Veyne como *afetos*), patologias perigosas, seguindo o gosto de Sêneca pelo vocabulário médico, que tornam o indivíduo hesitante no enfrentamento dos males que lhe recaem. Segundo Veyne, viver como um estoico é *racionalizar* absolutamente qualquer ato do cotidiano, ao tomar os medos e apreensões como um mau julgamento da razão. A felicidade, assim, exige treinamento, prática cotidiana *constante*. O *tempo* é algo essencial, porém paradoxal: nenhum instante deve ser perdido na prática do exercício meditativo, mas o *quando*, o tempo requerido para se tornar efetivamente sábio, não é relevante. Mais importante do que tudo, para Sêneca, são os progressos diários, examinados dia-a-dia pela *consciência*. A sabedoria, portanto, consiste justamente na progressão, no tornar-se um sábio, mesmo que o próprio ideal do homem sábio seja praticamente inalcançável. Veyne aqui aponta para mais um paradoxo do estoicismo, a existência da doutrina em si, mas não de *sábios estoicos*. Estes são raríssimos, reduzem-se a figuras como Sócrates, Sólon e Catão. Os adeptos do estoicismo, Sêneca incluso, não se julgam como tal. Veyne é um autor sem medo de estabelecer paralelos, de entrecruzar estoicismo com leituras de outros autores e tradições de pensamento, de Aristóteles a Hegel. Quando o faz, o resultado é fantástico, realmente instigante. Estoicismo e utopia marxista são, dessa maneira, iguais em busca de um ideal inatingível, mas que propõe a progressão do indivíduo rumo ao devir que lhe é próprio. Além destas considerações, riquíssimas, Veyne também aborda o problema do suicídio, do bem morrer, uma saída válida para Sêneca e os demais estoicos, pois o enfrentamento da morte também é parte inerente ao processo de tornar-se um sábio. Cabe ao indivíduo estar preparado para morrer, e escolher tal opção em caso de necessidade, quando o viver não lhe permitir mais a prática da virtude.

A terceira e última parte do livro, o epílogo, traz consigo o fio narrativo suspenso no prólogo, fechando, dessa maneira, o conjunto do trabalho de Veyne. Sêneca, custosamente, obtém sua liberação da corte e vive seus últimos anos em retiro, em meio à escrita e aos

exercícios de meditação, no *otium* contemplativo que tanto recomenda aos amigos, a exemplo de Lucílio. Não deixou de ser suspeito aos olhos de Nero e não escapou, igualmente, das atribulações que são parte do regime neroniano. Em 65 d.C. um complô para assassinar Nero é descoberto, cuja finalidade era elevar ao Principado um aristocrata moderado, Caio Pisão. Sêneca, implicado na conspiração, delatado pelos acusados que tentaram trazê-lo para junto de sua iniciativa, foi condenado ao suicídio na intensa repressão que se seguiu. O tema da *morte libertadora é* central para Veyne nesse aspecto. O problema do suicídio, também analisado na segunda parte, volta a ser de suma importância, porém não mais como aconselhamento ao *outro*, mas como algo a ser enfrentado, como toda a dignidade necessária, pelo próprio filósofo. Veyne recorre à narrativa de Tácito, que nos relata os últimos momentos de Sêneca, que aceita sua condenação e tira a própria vida sem hesitação. A morte de Sêneca é, para Veyne, um exemplo prático de estoicismo, de crença verdadeira nas doutrinas que tanto aconselhava aos amigos e leitores. Morrer é pedagógico, pois a instrução se dá justamente pelo exemplo. Morte que, em última instância, consagrou o seu trabalho. Nero encontrou seu final, três anos depois, de modo completamente adverso e de forma ignominiosa, ou seja, o exemplo contrário, de covardia e desonra. Ironia da história, tão bem explorada por Veyne, autor igualmente irônico e de grande sagacidade no trato com os textos antigos, realmente à altura em erudição do filósofo que se propõe estudar. Leitura mais do que recomendada a todos os interessados no intelectualismo estoico e em seus profundos desdobramentos na história do pensamento ocidental.